

A LEITURA DE CHARGES EM SALA DE AULA: POTENCIALIDADES PARA A FORMAÇÃO DE LEITORES¹

Bianca de Souza GOMES²
Kleissiely de CASTRO³

RESUMO: Este trabalho apresenta articulações entre a charge e o ensino de Língua Portuguesa. Utilizou-se principalmente de Vieira e Silvestre (2015) para explicar como ocorre a constituição de sentidos no texto multimodal e da concepção de Ramos (2009) sobre o hipergênero HQ e seus subgêneros. Para análise, foram selecionadas quatro charges. Constatou-se que a análise das semioses na charge permite a compreensão dos processos de organização e de funcionamento dos textos.

PALAVRAS-CHAVE: História em Quadrinhos; Charge; Multimodalidade; Hipergênero; Leitura.

1. Introdução

Conforme explicam Rama e Vergueiro (2004), as histórias em quadrinhos, durante muito tempo, foram consideradas inadequadas para o processo educativo por parte dos pais e dos educadores, os quais alegavam que estas eram prejudiciais ao desenvolvimento dos alunos. Contudo, a partir da ampliação do conhecimento sobre as HQs, o cenário da educação atual se difere do passado, uma vez que esse gênero se firmou tanto no mercado quanto nas escolas, tornando-se um material pedagógico possível.

Dessa forma, os quadrinhos têm conseguido, de maneira gradativa, adentrar o espaço escolar, deixando de serem usados unicamente para entretenimento. Ainda segundo os autores, a diversificação da linguagem passou a ser trabalhada nos livros didáticos após a avaliação realizada pelo Ministério da Educação,

¹ Trabalho apresentado durante o X Simpósio Internacional de Gêneros Textuais (SIGET), na Facultad de Lenguas da Universidad Nacional de Córdoba (UNC).

² Graduanda do Curso de Letras - Português/Inglês, na Universidade Federal de Lavras (UFLA), Faculdade de Ciências Humanas, Educação e Linguagens, Lavras, Minas Gerais, Brasil. Orientadora: Profa. Dra. Helena Maria Ferreira (Bolsista PIBID-CAPES). E-mail: bianca.gomes1@estudante.ufla.br

³ Graduanda do Curso de Letras - Português/Inglês, na Universidade Federal de Lavras (UFLA), Faculdade de Ciências Humanas, Educação e Linguagens, Lavras, Minas Gerais, Brasil. Orientadora: Profa. Dra. Helena Maria Ferreira (Bolsista PIBID-CAPES). E-mail: kleissiely.castro@estudante.ufla.br

em meados de 1990. Esse passo foi importante para que a relutância em relação à utilização das HQs na sala de aula fosse reavaliada. Nos anos seguintes, a disseminação das possibilidades de ensino por meio dos quadrinhos foi crescendo e o gênero passou a ser considerado uma possibilidade para o processo de ensino-aprendizagem.

Tendo isso como premissa, considera-se, para tornar o processo de ensino-aprendizagem mais amplo e mais coerente com a realidade dos estudantes, a necessidade de partir das culturas, dos gêneros, das mídias e das linguagens que os alunos têm como referência para, a partir disso, ampliar seus letramentos (ROJO; MOURA, 2012). O desenvolvimento da capacidade leitora deve, então, ser situado e possibilitar a mobilização de diversos saberes.

Entendendo a importância do trabalho com a leitura por essa perspectiva, o presente estudo propõe-se a apresentar articulações possíveis entre a charge, um dos subgêneros das histórias em quadrinhos, e o ensino de Língua Portuguesa. A partir de pesquisadores como Costa Val (2004), Koch e Elias (2006), Ferreira, Villarta Neder e Vieira (2015), Vieira e Silvestre (2015), Joly (2012) e Rojo e Moura (2012), serão discutidos os caminhos pelos quais a leitura se guia no texto multimodal e a relevância dos multiletramentos. Em seguida, para entender como se constitui a linguagem dos gêneros nos quadrinhos e como eles podem ser abordados em sala de aula, serão utilizados autores como Rama e Vergueiro (2004), Ramos (2009), Cirne (2000) e Flôres (2002), articulando-os à multimodalidade e aos multiletramentos. Após essa contextualização, serão traçadas propostas de trabalho com quatro charges nas aulas de língua portuguesa por meio de uma pesquisa analítica desses textos, buscando articulá-la à pesquisa teórica prévia. Por fim, algumas reflexões serão feitas a partir das análises a fim de retomar pontos importantes e suscitar novas provocações acerca do tema aqui estudado.

Com isso, pretende-se abrir espaço para o entendimento de como o gênero charge é constituído, demonstrando suas características aplicáveis nas práticas de ensino. Assim, busca-se dispor embasamentos para apoio pedagógico aos professores por

meio de possibilidades de abordagens de ensino permitidas pela linguagem das histórias em quadrinhos. Logo, faz-se necessário evidenciar a importância referente à escolha e à seleção do material que será utilizado, de modo a adequá-las aos objetivos educacionais a serem alcançados.

2. O trabalho com a leitura das histórias em quadrinhos nas aulas de Língua Portuguesa

Estudos voltados para a leitura e para a utilização das histórias em quadrinhos vêm tornando-se frequentes, uma vez que esse gênero se encontra inserido de maneira mais próxima no cotidiano dos alunos. Há uma grande aceitação do público acadêmico a esse recurso, pois as HQs “aumentam a motivação dos estudantes para o conteúdo das aulas, aguçando sua curiosidade e desafiando seu senso crítico” (RAMA; VERGUEIRO, 2004, p. 21), além de propiciar a construção de conhecimentos diversificados sobre o mundo. Partindo dessa ideia, é importante que seja delimitado como, nos quadrinhos, os sentidos são construídos pelos leitores.

De acordo com Koch e Elias (2006), ao compreender a leitura como uma atividade de interação entre os interlocutores e o texto, os leitores são sujeitos ativos nesse processo e estabelecem relações entre o conhecimento previamente adquirido e as informações novas, guiando-se por meio de inferências, comparações, críticas, avaliações etc., levantadas no ato de ler. Esse movimento permite que eles constituam e que sejam constituídos no texto. Além disso, é importante considerar a intenção para que se lê, pois ela rege os objetivos da leitura. Estes, por sua vez, nortearão o modo de ler de acordo com o gênero e com o contexto.

Aprofundando essa questão, segundo Costa Val (2004), o conceito de texto tem se modificado. Com o avanço dos estudos na área de linguagens, cabe ressaltar um aspecto importante em sua conceituação:

Um ponto importante nessa definição é “que possa fazer sentido numa dada situação de interlocução”. Isso significa duas coisas: a) nenhum texto *tem* sentido em si mesmo, por si

mesmo; b) todo texto *pode fazer sentido*, numa determinada situação, para determinados interlocutores (COSTA VAL, 2004, p. 113, grifo da autora).

Tendo isso em vista, a textualização é um componente do saber linguístico dos leitores que os fazem mobilizarem princípios⁴ para construir sentido para o texto dentro de uma dada situação comunicacional específica. Isso significa que, durante a leitura, um texto pode ter seu sentido construído de maneiras diferentes de acordo com o contexto de recepção e de circulação, ou seja, ele pode ser textualizado de maneiras diversas por diferentes ouvintes ou leitores, de acordo com as condições em que se inserem (COSTA VAL, 2004).

No caso da multimodalidade, a qual se estrutura linguística e discursivamente por uma variedade de formas e modos de representação, esses processos referentes à leitura e à textualização se adaptam. Assim, o ato de ler o texto multimodal, especificamente as HQs, demanda mudanças no comportamento leitor. A leitura dos diferentes modos de representação deve ter como premissa a descentralização da modalidade escrita da língua, permitindo a apreensão do papel das outras modalidades expressivas, as quais integram um conjunto diferenciado de significados possíveis. Dessa maneira, forma-se uma realidade comunicativa que ultrapassa as possibilidades interpretativas dos gêneros escritos, que muitas vezes são explorados de forma linear (FERREIRA; VILLARTA NEDER; VIEIRA, 2015).

Nesse aspecto, os quadrinhos possuem construções narrativas próprias que devem ser exploradas de acordo com o contexto. Essas construções, compostas por múltiplos elementos, verbais e não verbais, integram um conjunto de possibilidades de interpretação que, ao serem articuladas, formam a linguagem dos quadrinhos (RAMOS, 2009).

⁴ Costa Val (2004) retoma Beaugrande e Dressler (1981) para explicar que existem princípios ligados aos processos de produção e de interpretação textual, os quais auxiliam a textualização: coerência, coesão, intencionalidade, aceitabilidade, situacionalidade, informatividade e intertextualidade.

Para que essa linguagem seja trabalhada de maneira efetiva, é necessário entender a importância do trabalho com os diversos gêneros ligados às HQs nas aulas de língua portuguesa. Ter uma noção do que se trata cada gênero contribui para uma leitura mais aprofundada e crítica dos quadrinhos e ajuda na elaboração de práticas pedagógicas na área da educação (RAMOS, 2009). Dito de outro modo, a identificação, a reflexão e a análise das várias regularidades linguísticas, textuais e discursivas presentes em cada um dos gêneros permitem a elaboração de atividades pedagógicas capazes de possibilitar uma aprendizagem reflexiva e crítica por parte dos alunos.

Nessa perspectiva, o desenvolvimento dos multiletramentos, entendidos por Rojo e Moura (2012) como o conjunto de capacidades e práticas imprescindíveis para a compreensão e a articulação de múltiplas semioses e culturas que compõem as sociedades, permite ao leitor significar seus textos de forma mais ampla. Ao mobilizar conhecimentos sobre as linguagens e os temas das HQs, cria-se caminhos para promover o ensino que considera as multiplicidades: “a multiplicidade cultural das populações e a multiplicidade semiótica de constituição dos textos por meio dos quais ela se informa e se comunica” (ROJO; MOURA, 2012, p. 13).

Além desses aspectos favoráveis às aulas de língua portuguesa, pode-se dizer que o formato atrativo das histórias em quadrinhos motiva o alunado à aprendizagem e à leitura, uma vez que este se identifica com maior facilidade com a temática apresentada. Reforçando esse ponto de vista, Luyten (2011) enfatiza que as HQs

dão uma extraordinária representação visual do conhecimento, mostram o que é essencial, ajudam na organização narrativa da história, são de fácil memorização, enriquecem a leitura, a escrita e o pensamento e desenvolvem conexões entre o visual e o verbal (LUYTEN, 2011, p. 25).

Todavia, são inúmeros os obstáculos enfrentados pelos professores no ensino de língua portuguesa, resultado da pouca

familiaridade tanto com a questão conceitual quanto com a questão funcional dos gêneros, aspecto que dificulta o aperfeiçoamento dos saberes necessários para uma aprendizagem significativa. À vista disso, é importante a viabilização de um aprendizado dinâmico e articulado à vivência dos estudantes, com o intuito de criar condições para que possam interagir de forma crítica diante dos textos com os quais se deparem. Nessa perspectiva, os quadrinhos apresentam-se como uma possibilidade de desenvolvimento do processo de aprendizagem, mas necessitam de uma postura fundamentada por parte do educador e, também, do educando, para que os conhecimentos sejam compartilhados e estruturados de modo lúdico.

3. A linguagem das HQs e o gênero charge

Para delimitar o estudo neste trabalho, o conceito do gênero quadrinhos aqui abordado segue a proposta de Ramos (2009), o qual entende as HQs como um gênero autônomo, que possui seus próprios mecanismos de construção narrativa e suas próprias possibilidades de linguagem e, como tal, possui características regulares, as quais servem de base para abarcar vários outros gêneros. Ele é, portanto, um hipergênero que norteia a produção de subgêneros, cada qual com suas peculiaridades. Os subgêneros podem se manifestar nos formatos de charge, *cartum*, tiras etc. Mesmo que possuam suas especificidades, eles apresentam características comuns.

Além disso, cabe destacar que as HQs auxiliam a veiculação de temas específicos a um maior número de pessoas, uma vez que sua linguagem se caracteriza por combinar o texto verbal e o não verbal, articulando, assim, temas do cotidiano. Ela é uma literatura marcada pelas ideias da sociedade da época, feita para atingir determinados objetivos, como informar, convencer, seduzir, divertir, sugerir estados de ânimo, entre outras (CIRNE, 2000).

Fazendo um recorte mais específico, a charge, um dos subgêneros das HQs, será o foco deste estudo. Ela é um gênero que recria um fato do noticiário, fazendo-o de forma ficcional por meio

do tom humorístico e da crítica. Essa característica a diferencia do *cartum* e a torna um gênero polêmico (RAMOS, 2009). Dessa forma, sua leitura está vinculada aos implícitos constituídos no ato de ler que permitem ao leitor resgatar conhecimentos previamente adquiridos e estabelecer novas significações sobre o tema retratado.

Tendo isso em vista, ao instigar a leitura crítica em sala de aula, o professor permite não só o contato do estudante com um determinado gênero, mas também possibilita o desenvolvimento ativo da prática leitora. Na perspectiva aqui defendida, a charge pode ser uma ferramenta desse estímulo, pois, como discutido acima, os temas abordados são geralmente de grande propagação social. Isso pode causar, em um primeiro momento, a identificação por parte dos alunos, motivando-os a desenvolver modos e estratégias de ler mais refinados (como será desenvolvido nas análises), que podem ser empregados como incentivo à aprendizagem do conteúdo pragmático e, sobretudo, da realidade social que os cerca.

Indo ao encontro disso, a charge se apresenta como repositório das forças ideológicas em ação e como espelho do imaginário de cada época, sendo uma corrente de comunicação subliminar, reproduzindo concepções sociais, pontos de vista e ideologias em circulação (FLÔRES, 2002). Assim, esse gênero, ao abarcar diversas modalidades expressivas para se constituir, integra um conjunto de possibilidades de representação ideológica ilustradas por cada um desses modos de representação, ou seja, a escolha dos recursos expressivos não é feita ao acaso, mas articulada de forma a realizar a crítica seguindo determinado ponto de vista.

Para auxiliar as análises das charges, será também apropriada a perspectiva da multimodalidade para entender sua construção linguística e narrativa. Como elucida Ramos (2009), ao dialogar com recursos da ilustração, da caricatura, da pintura, da fotografia, etc., as histórias em quadrinhos possuem diversas semioses que, quando articuladas, propiciam a construção narrativa.

Seguindo essa ideia, Vieira e Silvestre (2015) explicam como, no texto multimodal, a linguagem se estabelece:

A linguagem verbal e a linguagem visual não são tomadas como sistemas semióticos isolados cuja função deste último seria meramente decorativa, ilustrativa ou decorativa (sic). Entendemos o texto multimodal como uma unidade de significação em que os produtores de texto fazem escolhas de forma a construírem um produto com um propósito comunicativo pelo uso desses sistemas (VIEIRA; SILVESTRE, 2015, p. 131).

Dessa forma, as características que compõem os elementos verbais, as cores utilizadas, a pontuação, o formato dos balões, as personagens inseridas, os elementos ilustrados, entre outros, contribuem para que o sentido seja constituído por parte dos leitores, tornando a leitura mais eficiente, mais ampla e, conseqüentemente, mais crítica, visto que ela pode ser capaz de formar opiniões. Por se tratar de um veículo que integra uma multiplicidade de recursos expressivos, a relação entre as diversas linguagens presentes nos quadrinhos se torna mais importante que as próprias linguagens em si.

Além disso, ao partir dessa perspectiva, entende-se que as línguas são constituídas por suas culturas, ou seja, estão situadas em dado espaço e tempo. Isso significa que o processo de ler é e deve ser constituído “por meio de uma abordagem que contemple tanto a cultura local quanto a global” (VIEIRA; SILVESTRE, 2015, p. 21). Dessa forma, criam-se condições para que gêneros textuais, que se disseminam com a tecnologia e se guiam pela sua conjuntura, sejam não somente decodificados, mas lidos a partir de uma postura que vise à criticidade.

Em consonância a isso, cabe ressaltar que o trabalho com esse tipo de leitura é relevante em sala de aula, uma vez que os alunos, por estarem inseridos em uma realidade social permeada pela tecnologia e por gêneros textuais diversos, lidam com a pluralidade de textos em seu cotidiano, a qual demanda uma leitura também plural. Nesse sentido, Joly (2012) enfatiza que são inúmeros os benefícios do uso e da leitura de imagens com fins pedagógicos:

Demonstrar que a imagem é de fato uma linguagem, uma linguagem específica e heterogênea; que, nessa qualidade,

distingue-se do mundo real e que, por meio de signos particulares dele, propõe uma representação escolhida e necessariamente orientada; distinguir as principais ferramentas dessa linguagem e o que sua ausência ou presença significam; relativizar sua própria interpretação, ao mesmo tempo que se compreendem seus fundamentos: todas garantias de liberdade intelectual que a análise pedagógica da imagem pode propiciar (JOLY, 2012, p. 48).

A partir desses pontos elencados, pode-se dizer que o ensino da charge articula-se com a pedagogia dos multiletramentos, como propõem Rojo e Moura (2012). Ela é um gênero que, muitas vezes, coloca em xeque o pensamento hegemônico sobre determinado assunto (por meio das análises do tópico seguinte, isso ficará mais evidente). Se, para os autores, é necessária a descentralização da cultura – passando, então, a enxergar a multiplicidade de culturas – para atender aos propósitos desse ensino, a charge, em si, é um gênero que permite esse movimento, pois ela compartilha pontos de vista não comuns e, por isso, pode motivar os alunos a desenvolverem percepções também não estigmatizadas sobre diversos temas que estão no domínio do senso comum. Articulado a isso, a multiplicidade de linguagens, constitutiva do gênero, permite o desenvolvimento da leitura multimodal, necessária ao ensino que privilegia os multiletramentos.

Diante disso, observa-se que a charge é um recurso que, se usado como um material pedagógico, pode ser capaz de instigar novas habilidades de leitura para os alunos, ampliando sua capacidade leitora. Logo, pode-se desenvolver, por meio desse trabalho, a criticidade dos alunos tanto em relação à circulação desse gênero quanto aos modos de representação que o compõe, uma vez que a constituição de sujeitos críticos depende, sobretudo, do desenvolvimento de um trabalho sistemático amparado em propostas pedagógicas que consideram os multiletramentos.

4. Propostas de abordagem da charge nas aulas de Língua Portuguesa

Tendo em vista a importância do trabalho com a charge em sala de aula, foram selecionadas quatro charges a fim de indicar caminhos para que esse gênero possa ser trabalhado nas aulas de língua portuguesa, de modo a desenvolver a criticidade e a reflexão linguística sobre sua constituição por parte dos alunos.

Para tanto, a primeira charge escolhida foi elaborada pelo cartunista piauiense Jota A (Figura 01). Por meio da ironia, o autor busca exprimir em seu texto os reflexos do demasiado corte de árvores. Com um traço econômico, mas, ao mesmo tempo, bem-humorado, a preocupação com o meio ambiente é um dos temas que permeiam seu trabalho.

Figura 1. Charge sobre o corte de árvores.⁵



À luz disso, a charge acima pode ser trabalhada de distintas maneiras. Uma dessas formas, é, primeiramente, permitindo que os alunos digam suas impressões sobre a referida imagem: o que eles sentiram, quais são as suas opiniões a respeito, como eles lidam com essa problemática no cotidiano etc. Em seguida, para direcionar o debate, o professor pode fazer perguntas à turma, tais como:

- a) O que o autor quis retratar por meio dessa charge?

⁵ Fonte: <http://jota-a.blogspot.com/2012/11/calor.html>.

b) Qual é a relação entre o que foi dito pelo homem e as árvores cortadas?

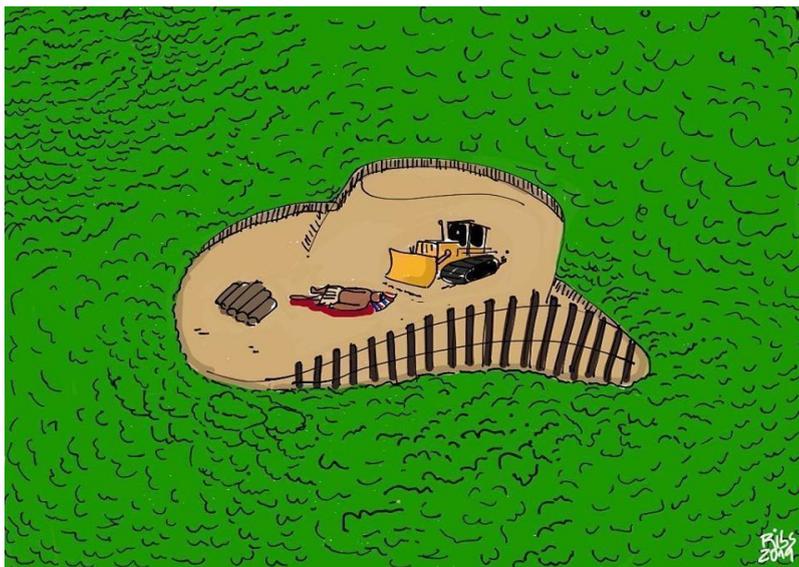
c) As cores escolhidas pelo chargista influenciam a produção de sentidos por parte do interlocutor?

d) Qual é a importância da preservação das árvores e do meio ambiente em geral?

A partir desses questionamentos, pode-se, então, fazer a apresentação do gênero – caso ainda seja desconhecido pelos alunos – e explicitar o porquê da sua escolha; sugere-se, também, discorrer sobre o trabalho do autor da charge e, em seguida, adentrar a problemática da preservação ambiental e da importância do diálogo sobre o assunto. Assim, novas questões podem ser suscitadas, como as mudanças climáticas causadas pela exploração ilegal de recursos naturais e o desequilíbrio causado nos ecossistemas como consequência da exploração, os prejuízos acarretados à fauna e a flora – os quais comprometem toda a biodiversidade da área –, as alterações provocadas no solo, a diminuição expressiva da produção de oxigênio gerada pelo desmatamento, dentre diversas outras indagações. Cabe ressaltar que os impactos provocados pela ação humana no meio ambiente demandam que o docente realize, previamente, pesquisas sobre o tema a fim de constituir uma argumentação que consiga contemplar a amplitude dessa temática.

A segunda charge escolhida para análise é de autoria de Matheus Ribs, um chargista e cartunista brasileiro, e foi veiculada em sua página no Instagram e no Facebook (Figura 02). O autor retrata, por meio do humor, da sátira e da ironia, questões de cunho político e social para seus seguidores. Esse texto retrata um dos assuntos abordados com frequência por Ribs, o qual permeia o desmatamento e os direitos humanos.

Figura 2. Charge sobre desmatamento e genocídio indígena.⁶



Pode-se, primeiramente, fazer com que os alunos problematizem o modo de veiculação e o contexto de circulação desse texto, levando-os a perceber as implicações de ler as charges em ambientes virtuais. Além disso, pode-se fazê-los refletir sobre o posicionamento do autor e o que pode tê-lo levado a produzir esse texto. Algumas perguntas podem ser feitas para direcionar os debates, como:

a) Sendo este um texto publicado em redes sociais, como você imagina que seja o seu alcance em termos de público e engajamento?

b) A internet é um meio capaz de veicular informações e, ao mesmo tempo, formar opiniões?

c) Há diferenças entre uma charge publicada em redes sociais e uma publicada em meios impressos? Se sim, quais são?

d) O assunto da charge é importante de ser debatido atualmente? Qual é o papel da Internet nesse processo?

e) Considerando que esse autor publica charges que retratam a situação atual do Brasil, o que pode ter sido a motivação para produzir esse texto?

A relevância da contextualização prévia do texto está no fato de que os alunos podem criar caminhos para entender as possíveis

⁶ Fonte: https://www.instagram.com/p/B0T9L_EnrIB/.

motivações sociais para a produção da crítica na charge, permitindo que o estudo do gênero não tenha fins escolares imediatos somente, mas propicie também a associação das charges aos seus propósitos na sociedade, além de, é claro, abrir caminhos para eles se tornarem mais familiarizados com a linguagem do gênero.

Depois disso, os alunos podem ser levados a refletir sobre as implicações da utilização dos recursos presentes na charge. Alguns elementos ilustram uma situação de desmatamento (como o veículo, a área sem matas e a madeira, por exemplo), os quais estão centralizados na charge, juntamente com uma pessoa, o que pode ser um ponto para suscitar reflexões. Por que esses elementos estão focalizados, ou seja, no centro da ilustração? Equipamentos utilizados para o desmatamento se opõem ao posicionamento político e ao modo de vida das populações originárias; como esse antagonismo se expressa na ilustração? Questões que permeiam a prática do desmatamento, por exemplo, entre inúmeras consequências, podem ter relação com o genocídio de pessoas indígenas. O professor pode levantar debates sobre a pessoa presente na tirinha, o porquê de ela ter sido representada da forma como está e o que ela simboliza nesse contexto, levando à reflexão sobre o desmatamento e as consequências para além da própria questão ecológica, como os impactos sociais da demarcação de terras indígenas e da reforma agrária. Por essa perspectiva, a leitura da charge pode se tornar mais adequada aos propósitos do gênero, já que, situando a crítica na realidade material e mostrando como os modos de representação servem a esse propósito, ela pode ser mais bem interpretada pelos alunos-leitores.

As duas primeiras charges ilustram problemáticas similares e, por isso, elas podem ser abordadas de forma complementar durante o processo de ensino-aprendizagem, uma vez que o trabalho sistemático e consistente pode levar a uma melhor apreensão sobre o conteúdo. Outra proposta é que elas sejam utilizadas como início ou parte de um projeto maior, como campanhas de conscientização ou projetos da escola voltados para essa questão. É interessante que, por elas terem como motivação um problema relevante para a realidade brasileira, isso seja colocado em evidência, já que a crítica

surge com um incômodo, com um aspecto que demanda mobilização e mudança, e os alunos devem ser colocados como parte desse processo, e não somente como espectadores.

Outra proposta de análise é a charge produzida por Duke, pseudônimo de Eduardo dos Reis Evangelista (Figura 03). Cartunista bastante reconhecido pelo humor crítico, aborda em seus trabalhos, principalmente, temáticas como corrupção, futebol, política e clima.

Figura 3. Charge sobre meritocracia.⁷



A partir da breve apresentação do autor, pode-se iniciar uma proposta de análise que visa à discussão da falácia da meritocracia. Após a leitura do texto, o professor pode direcionar perguntas a turma, tais como:

- a) Você acha que a posição das personagens nas charges influencia na construção de sentidos? Por quê?
- a) O que é possível apreender sobre a vestimenta das personagens? Você acha que ela pode denunciar algum tipo de desigualdade?
- b) Você acha que há alguma relação entre a fala da criança de amarelo e o semblante da criança de calção verde? Justifique.
- c) Você acha que a criança não conseguiu arremessar a bola por falta de esforço? O que você acha que isso quis evidenciar?

⁷ Fonte: <https://www.instagram.com/p/Bqunp9WhY9o/>
MOSAICO, SJ RIO PRETO, v. 19, n. 1, p. 34-56

Feita a contextualização, é interessante entender os elementos envolvidos na ilustração de maneira mais pontual. Tem-se uma situação comum no universo infantil – uma brincadeira de basquete. No entanto, ela é articulada de forma a satisfazer à crítica, então, pode-se refletir com os alunos: o que a bola, a rede, o pai, as crianças e a quadra representam na vida real? Os recursos, ao serem integrados em um todo, funcionam como uma linguagem metafórica, trazendo à ilustração situações que, na visão do chargista, são factuais na sociedade. O elemento verbal, por exemplo, faz alusão a uma ideia vendida frequentemente por pessoas que defendem a meritocracia, o que pode ser o principal elemento que nos leva a essa interpretação. Assim, entende-se que a charge se utiliza desses elementos de forma combinada para produzir a crítica social e chamar a atenção do público, já que parte de uma situação corriqueira para concretizá-la. Mostrar isso aos alunos é um caminho para que eles compreendam a temática de maneira contextualizada e possam aprofundar o debate.

Após esses questionamentos e reflexões, o educador pode adentrar na problemática das desigualdades sociais existentes no país, com o intuito de aprofundar a sua proposta para o debate sobre meritocracia. Aqui, é necessário que o docente situe os alunos acerca do que se trata este tema e as divergências que norteiam o assunto, isto é, os posicionamentos antagônicos sobre ele. Para tanto, é de suma importância que se contextualize certos fatos, como o de o Brasil ser um dos países mais desigualitários do mundo – o fato de as pessoas não conseguirem alcançar certas posições não é por falta de esforço, mas sim, pela desigualdade de oportunidades econômicas, educacionais e sociais, ou mesmo por questões étnico-raciais; a afirmação de que todos partem de lugares iguais é apenas uma visão de mundo possível, e não uma verdade absoluta ou uma realidade dada, a qual geralmente é defendida pelas elites, etc. Para sustentar a abordagem escolhida, o professor pode ainda apresentar dados estatísticos aos alunos, a fim de mostrar informações palpáveis que comprovem os argumentos defendidos durante a aula.

Por fim, elencou-se a charge de Nando Motta, publicada em seu perfil no Instagram (Figura 04). Ilustrador, músico e ator, o artista publica conteúdos em sua rede social com temáticas da realidade contemporânea, como racismo estrutural, LBGTQIA+fobia, desigualdades sociais, entre outros assuntos.

Figura 4. Charge respondendo a um texto.⁸



Escolheu-se essa charge como exemplo de abordagem de assuntos atuais, mas que, apesar disso, não se tornam obsoletos, porque expressam problemáticas sociais persistentes – a desigualdade social, neste caso. Para contextualizá-la, é interessante pensar na intertextualidade⁹, pois esse princípio está presente de maneira evidente no texto escolhido. Os alunos podem ser levados a

⁸ Fonte: <https://www.instagram.com/p/CCONnPPpxYz/>.

⁹ Entende-se por intertextualidade o que elenca Costa Val (2004) como um dos princípios da textualização. Todo texto é uma resposta aos textos anteriores, ou seja, há a mobilização de vários textos para a constituição de um. Pode acontecer que “o próprio locutor não se dê conta de ‘com quantos textos se faz o seu texto’; pode ser que o alocutário não (re)conheça todos os textos envolvidos na construção dos textos que ele ouve ou lê” (COSTA VAL, 2004, p. 116). No texto aqui abordado, a intertextualidade se dá de maneira mais nítida, já que ele é uma resposta direta e proposital ao texto que o motivou.

refletir sobre o evento que motivou a criação da charge, uma entrevista¹⁰. Pode-se reuni-los para fazer uma discussão a fim de entender o que o vídeo representa socialmente para ter gerado a indignação do público e, conseqüentemente, a produção da charge. Além de trabalhar a própria contextualização, há dois elementos importantes nessa abordagem: o trabalho com a ideia de que os textos não surgem do nada, mas são respostas aos textos anteriores; e a mobilização dos conhecimentos prévios dos alunos, pois, mesmo que não tenham assistido ao vídeo, eles sabem dizer quais são as características da desigualdade social no Brasil.

Em um segundo momento, os elementos constitutivos podem ser colocados em foco. Sabendo-se a motivação da produção do texto, seus elementos são passíveis de articulação. Olhemos para o elemento verbal: o vocativo *madame* se liga, semanticamente, ao modo de tratamento dado às mulheres de classes sociais mais elevadas ou, em outros casos, às mulheres que se dedicam a viver sem trabalho assalariado. Ao utilizar esse termo, a personagem se coloca em uma posição de oposição em relação às mulheres – um morador de rua, que depende da ajuda de outras pessoas para sobreviver. Além disso, percebe-se um tom de indignação na fala, pois, ao vivenciarem a realidade de maneira próxima, as protagonistas do vídeo podem compreender o alvo da crítica sob outra perspectiva (sobre como ela é mais complexa do que elas deixaram transparecer na entrevista, por exemplo). Nesse caso, o interlocutor tem o rosto tampado, o que pode dar margem para entendê-lo como representante de sua classe: os moradores de rua (os alvos da fala no vídeo). Ainda sobre as personagens, é válido analisar a expressão das mulheres: a que a expressão delas nos remete?; por que o chargista pode ter ilustrado dessa forma?; como a expressão é contrastada em relação ao “tom” do morador de rua? São suscitações importantes para investigar como o artista representa a posição das personagens no texto, isto é, qual a sua percepção acerca das pessoas envolvidas no evento. Isso pode ser

¹⁰ No dia 3 de julho de 2020, Val Marchiori publicou uma entrevista em seu Instagram com Bia Doria no Palácio dos Bandeirantes, em São Paulo. O vídeo teve repercussão negativa e gerou revolta nas redes sociais. Link para acessá-lo na íntegra: https://www.instagram.com/tv/CCJu2Q2FAcz/?utm_source=ig_embed.

articulado, inclusive, à legenda da charge, *A Elite do Atraso!*, pois ela dá pistas sobre a percepção do autor. Além disso, o cenário em que se passa a charge remete ao centro da cidade, lugar onde geralmente se observa com mais nitidez os problemas ligados à pobreza, fato que permite a pergunta: por que as mulheres ainda estão sentadas no sofá, um elemento não típico desse ambiente? Todas essas questões não têm uma resposta certa, afinal, não se sabe exatamente todas as intenções do chargista. Dessa forma, a análise crítica dos elementos é o ponto central que permite leituras múltiplas.

Vale lembrar que a charge da figura 4 é um exemplo para se abordar uma temática que esteja recebendo mais atenção socialmente e que seja relevante para o ambiente escolar. O trabalho com ela pode se articular com outros textos para enriquecer a discussão.

Assim como as primeiras, as duas últimas charges também possuem temáticas similares e podem ser trabalhadas em conjunto. A escolha delas pode levar à reflexão: como abordar esse tema de maneira responsável e coerente, sem reproduzir estereótipos e estigmas? O ambiente escolar deve ser um espaço em que os alunos transcendam o senso comum, isto é, um lugar que os leva a pensar a partir de um ponto de vista crítico. Levar dados, estatísticas, vídeos complementares, documentários, entre outros recursos, pode ser interessante para ampliar o conhecimento dos estudantes, já que, ao entrarem em contato com novas perspectivas, eles terão chances de guiar sua leitura por lugares não comuns.

Cabe dizer ainda que o professor, ao apresentar as charges analisadas, tenha em mente a importância do contexto de produção, de recepção e de circulação como parte do ensino do gênero – e não somente como um adendo ou um parêntese. Apresentar a página na Internet em que o texto foi veiculado, os temas abordados com frequência pelo autor, os comentários e as reações do público, as possíveis motivações para a criação, enfim, os aspectos que facilitam a aprendizagem significativa, é fundamental, uma vez que eles são partes constitutivas do texto como uma unidade. Isso facilita a apreensão do gênero e do texto e pode servir de sustento para que

os alunos leiam de uma maneira próxima ao contexto de uso real da língua.

5. Reflexões finais

Entende-se, então, a partir das análises apresentadas anteriormente, que as charges ilustraram como a articulação dos modos de representação é importante para atingir o objetivo final dos textos, já que eles atendem a natureza crítica do gênero e permitem a associação entre a problemática social e o texto. As cores usadas, a posição dos elementos no quadrinho, a construção das personagens, entre outros aspectos, são passíveis de estudo e partes fundamentais para a construção da linguagem das charges, o que pode ser útil para a ampliação da capacidade de leitura dos alunos para além da modalidade escrita da língua. Dessa forma, a análise desses elementos se propõe a entender o texto como um todo, como uma unidade.

Além disso, pode-se levantar a reflexão de que, por ter natureza crítica e por refletir em si a realidade a partir de determinado ponto de vista, a charge deve ser abordada de forma integrada ao contexto em que é produzida. Pensar o seu ensino de maneira articulada aos temas de relevância social torna o processo educacional mais significativo para os estudantes, visto que a língua não é estudada de maneira isolada da vida real. Ademais, essa abordagem dá enfoque à função social do gênero, o que possibilita aos alunos uma maior preparação para identificar e, o mais importante, refletir sobre sua linguagem de maneira crítica quando se depararem com os textos em seu cotidiano.

Vale ressaltar ainda que, por possuir sua própria linguagem, seus meios próprios de orientar a leitura, a charge deve ser trabalhada no ambiente escolar dentro de suas várias possibilidades, como demonstradas acima, e não somente como intermédio das aulas de gramática. Isso demanda do professor o conhecimento de seus mecanismos de propiciar a construção de sentidos. Assim, criam-se caminhos para quebrar as barreiras entre os estudos gramaticais e os textos, fazendo com que o ensino se torne mais

adequado às propostas de abordagem mais atuais, as quais são, inclusive, recomendadas pelos documentos norteadores oficiais.

Ademais, pensando no ensino da charge, o professor pode ter como apoio outros recursos informativos para ampliar o seu repertório sobre as problemáticas envolvidas nos textos. Considerando que esse gênero se baseia em temas polêmicos, deve-se criar um espaço em que os alunos possam superar os estigmas acerca dos assuntos abordados e o papel do educador é crucial nesse processo.

Em suma, as possibilidades de análise de charges aqui desenvolvidas podem servir como base para enriquecer as discussões realizadas no ambiente escolar, haja vista que elas exemplificam como acontece a estruturação da crítica social e situam os alunos sobre os propósitos sociais de lê-las. Percebe-se que esse gênero gera impacto no interlocutor justamente por englobar diferentes semioses, o que garante o alcance do objetivo de comunicação entre o texto e o leitor, e, por isso, sua abordagem adequada em sala de aula é fundamental.

Conclusão

Na e pela linguagem, o indivíduo se constitui como sujeito, historicamente inserido no contexto social e cultural e, além disso, em processo. Compreender e abordar os textos nas aulas a partir dessa dialogicidade e dinamicidade permite a reflexão ampla por parte dos alunos sobre o que é estudar a língua e a linguagem, o deslocamento do aprendizado para a vida em sociedade e a criticidade em relação aos textos que circulam socialmente. Nesse sentido, a pedagogia dos multiletramentos é um importante alicerce, já que permite reconhecer nos gêneros textuais as potencialidades de trabalho com múltiplas linguagens e culturas.

Para o desenvolvimento desse processo, a familiarização do professor com a linguagem dos gêneros textuais é necessária para que se possa atender às demandas sociais exigidas no ensino que contempla diferentes modalidades expressivas e diversos saberes, garantindo aos alunos uma apreensão efetiva sobre os modos

diversos de constituição dos textos que utilizam em seu cotidiano. A leitura crítica, nesse sentido, é parte fundamental dessa abordagem, já que permite aos alunos entrarem em contato com culturas, visões de mundo, modos de ler, problemáticas sociais etc., cujo papel para desenvolver sua posição de sujeitos-leitores é relevante.

Os estudos sobre as charges, nesse sentido, são caminhos interessantes para, além de entender suas particularidades dentro do seu gênero maior, as HQs, ainda conhecer suas potencialidades como gênero em si e como material pedagógico. Pensar nisso implica em ressignificar o processo de leitura e o de ensino-aprendizagem de língua em sala de aula, possibilitando aos alunos conhecimentos para além do que eles já têm contato. Com isso, cria-se uma sala de aula plural, a qual permite a manifestação de saberes diversos e a constituição dialógica dos sujeitos envolvidos.

Nessa perspectiva, os estudos aqui realizados sobre esse gênero textual podem servir de sustento para a abordagem das histórias em quadrinhos de forma eficiente durante o desenvolvimento das habilidades de leitura dos alunos, além de fomentar discussões que abrangem a multimodalidade da linguagem e a vida em sociedade, bem como a integração destas duas. Espera-se, então, que as discussões provocadas sejam vistas como uma possibilidade de progressão da abordagem da leitura nas aulas de língua e que possam servir de fundamento para a ampliação tanto das habilidades linguísticas dos estudantes quanto dos multiletramentos.

GOMES, B. S.; CASTRO, K. A leitura de charges em sala de aula: potencialidades para a formação de leitores. *Mosaico*. São José do Rio Preto, v. 19, n. 1, p. 34-56, 2020.

READING CARTOONS IN THE CLASSROOM: POTENTIALITIES FOR THE DEVELOPMENT OF READERS

ABSTRACT: This work presents articulations between the cartoons and the teaching of the Portuguese Language. It were mainly used Vieira & Silvestre (2015) to explain how the

constitution of meanings occurs in the multimodal text and Ramos' (2009) conception of hypergenre comics and its subgenres. For the analysis, four cartoons were selected. It was found that the analysis of different semiosis in cartoons allows the understanding of the processes of the organization and the functioning of texts.

KEYWORDS: Comics; Cartoon; Multimodality; Hypergenre; Reading.

Referências bibliográficas

- BEAUGRANDE, Robert-Alain de; DRESSLER, Wolfgang U. *Introduction to text linguistics*. London: Longman, 1981.
- CIRNE, Moacy. *Quadrinhos, sedução e paixão*. Petrópolis, RJ: Vozes, 2000.
- COSTA VAL, Maria da Graça. Texto, textualidade e textualização. In: CECCANTINI, JL Tápias; PEREIRA, Rony F.; ZANCHETTA JR., Juvenal (Orgs.). *Pedagogia Cidadã: cadernos de formação: Língua Portuguesa*, v. 1. São Paulo: UNESP, 2004. p. 113-125.
- DESENHOSDONANDO. *A Elite do Atraso!*. Instagram, 04 jul. 2020. Disponível em: <<https://www.instagram.com/p/CCONnPPpxYz/>>. Acesso em: 26 de jul. de 2020.
- DUKE CHARGISTA. *#otempo #supernoticia*. Instagram, 28 nov. 2018. Disponível em: <<https://www.instagram.com/p/Bqunp9WhY9o/>>. Acesso em: 29 de jul. de 2019.
- FERREIRA, Helena Maria; VILLARTA NEDER, Marco Antonio; VIEIRA, Mauriceia Silva de Paula. Letramento multimodal: múltiplas práticas na construção do sujeito-leitor. In: Rosângela Rodrigues Borges (Org.). *#sou + tec: ensino de língua(gem) e literatura*. 1. ed. Campinas: Pontes, 2015. p. 69-86.
- FLÔRES, Onici Claro. *A leitura da charge*. Canoas: Editora da ULBRA, 2002.
- JOLY, Martine. *Introdução à Análise da Imagem*. 14 ed. Campinas: Papyrus Editora, 2012.
- JOTA A. *Calor*. Cartunista Jota A, 01 nov. 2012. Disponível em: <<http://jota-a.blogspot.com/2012/11/calor.html>>. Acesso em: 29 de jul. de 2019.
- KOCH, Ingedore Villaça; ELIAS, Vanda Maria. *Ler e compreender: os sentidos do texto*. São Paulo: Contexto, 2006.
- LUYTEN, Sonia M. Bibe. Quadrinhos na sala de aula. In: *História em quadrinhos: um recurso de aprendizagem*. XXI Boletim 01. Rio de Janeiro: Salto para o futuro, p. 21-26, 04/2011.
- RAMA, Angela; VERGUEIRO, Waldomiro. *Como usar as histórias em quadrinhos na sala de aula*. São Paulo: Editora Contexto, 2004.

RAMOS, Paulo Eduardo. *A leitura dos quadrinhos*. São Paulo: Editora Contexto, 2010.

RIBS. #desmatamento. Instagram, 24 jul. 2019. Disponível em: <https://www.instagram.com/p/B0T9L_EnrIB/>. Acesso em: 25 de jul. de 2019.

ROJO, Roxane; MOURA, Eduardo (Orgs.). *Multiletramentos na escola*. São Paulo: Parábola Editorial, 2012.

VAL MARCHIORI. *Palácio dos Bandeirantes*. Instagram, 02 jul. 2020. Disponível em: <https://www.instagram.com/tv/CCJu2Q2FAcz/?utm_source=ig_embed>. Acesso em: 26 de jul. de 2020.

VIEIRA, Josenia; SILVESTRE, Carminda. *Introdução à multimodalidade: contribuições da gramática sistêmico-funcional, análise de discurso crítica, semiótica social*. Brasília, DF: J. Antunes Vieira, 2015.